

Vedānta-Vaishnava (texto III)

- A filosofia Advaita não admite que a alma individual, *jīva*, seja em última análise, real. Brahman, o Eu verdadeiro, é Um, mas Ele aparece como a infinidade de almas espirituais individuais. A pluralidade das *jīvas*, que é meramente aparente à nossa experiência ordinária, é justificada com base nos *upādhis* ou características acidentais limitantes.
- Referências dos Upaniṣads:
(Bṛhad I.4.10) *ahaṁ brahmāsmi*—“Eu sou Brahman”
(Chānd VI.3.16) *tat tvam asi*—“Tu és Aquilo” (Considerado como *mahā-vākya*, ‘afirmação máxima’ por Śaṅkara).
(Muṇḍ III.2.9) *brahmaveda brahmaiva bhavati*—“O conhecedor de Brahman torna-se Brahman.”
- Devido à ignorância, cujo começo é impossível prescrever, a alma erroneamente associa-se com o corpo, tanto físico como sutil. Isto é chamado cativo. Nesse estado ela esquece que é realmente Brahman. Ela comporta-se como um ser finito, limitado, miserável que corre atrás de objetos mundanos e sente prazer quando os obtém e sofre ao perdê-los. Identifica-se com o corpo e mente finitos (*antaḥkaraṇa*) e pensa “Eu sou corajoso”, “Eu sou aleijado”, “Eu sou ignorante”. Isso surge da concepção da alma como sendo o “Ego” ou “Eu”. O ego não é, portanto, o Eu real, mas somente uma limitação dele.
- Na existência condicionada, existem três estados de consciência: estado desperto, sono com sonhos e sono sem sonhos. Quando uma pessoa está desperta, ela identifica-se com seu corpo físico, bem como com órgão interno. Ela cria a sensação de sujeito e tem uma relação de sujeito-objeto com as coisas desse mundo. Quando ele dorme sonhando, ele ainda está consciente dos objetos que surgem das impressões registradas na memória. A dicotomia sujeito-objeto ainda persiste nessa condição. Quando, no entanto, dorme num sono sem sonhos, a idéia de objetos externos cessa. Na ausência dos objetos a noção de sujeito também cessa. A polaridade sujeito-objeto, a oposição entre conhecedor e conhecido, desaparece completamente. Ele não sente mais que é confinado e limitado num corpo. Mas mesmo nesse estado, a consciência não cessa e dessa forma ele pode lembrar-se de que estivera dormindo. Como poderíamos relatar que “tive um sono tranquilo, sem nenhum sonho”, se não tivesse a presença da consciência no momento?
- Basicamente, existem duas teorias que explicam como Brahman ou Ātma tornou-se muitos:
 - a) *Apaccheda-vāda*. O Único Ātma aparece como muitos devido aos *upādhis* (corpo físico e corpo sutil). O clássico exemplo dessa teoria é o fenómeno *ghaṭa-akāśa* | *mahā-akāśa*. *Akāśa* ou espaço é todo-penetrante e único; quando o mesmo está limitado e condicionado por vários potes (*ghaṭa*), podemos dizer que existem diferentes *akāśas*. Quando um pote é quebrado, o espaço interior fundir-se-á no “grande espaço”, *mahā-akāśa*. De forma similar, existe um Único Ātma. Quando este está condicionado por diferentes órgãos internos (*antaḥkaraṇa*), aparecem, então, as diferentes *jīvas*. Essa teoria chama-se *apaccheda-vāda* e é atribuída a Vācaspati Mīśra, da linha de Śaṅkarācārya e autor do famoso livro *Bhāmātī*.

b) *Bimba-pratibimba-vāda* ou teoria da reflexão. Esta teoria é explicada na analogia da reflexão de uma única lua nas ondas do oceano. Assim como a única lua aparece como muitas luas, refletidas em cada onda, de maneira similar o Único Ātma aparece como muitos, sendo refletido nos numerosos *upādhis* ou *antaḥkaraṇa*. Essa teoria foi elaborada por Prakāśātman, autor de Vivaraṇa.

- Deus, de acordo com Śaṅkara, pode ser concebido de dois diferentes pontos de vista. Se olharmos Deus do ponto de vista ordinário e prático (*vyāvahārika-dṛṣṭi*) do qual o mundo é pensado ser real, Deus é considerado como a causa, o Criador, o Sustentador, o Destruidor do mundo, portanto, também como o Ser Onipotente e Onisciente. Ele parece possuir todas essas qualidades (*saguṇa*). Deus neste aspecto é chamado de Saguṇa Brahman ou Īśvara na filosofia de Śaṅkara. Ele é o objeto de adoração.

Mas o mundo, como nós vemos, é concebido por Śaṅkara como uma aparição que se apóia em nossa ignorância. Descrições de Deus como o Criador do mundo são verdade somente do ponto de vista prático, conquanto que o mundo-aparência é tido como real. O ato de criação do mundo não é essência de Deus (*svarūpa-lakṣaṇa*); é a descrição daquilo que é meramente acidental (*taṭastha-lakṣaṇa*) e não toca Sua essência.

- Para entender o aspecto superior de Deus, como Ele realmente é em Si Mesmo (sem relação com o mundo) junto com o aspecto inferior, Śaṅkara constantemente recorre à analogia do mágico (*māyāvī*) como sugerido no Śvetāśvatara Upaniṣad. O mágico é um prestidigitador somente para aqueles que são enganados por seus truques e que julgam que percebem os objetos que foram manifestados por artes mágicas. Mas para uns poucos que vêem através do truque e não tem ilusões, o prestidigitador falha em sua arte. Similarmente, aqueles que acreditam no mundo-show, pensam em Deus através desse show e chamam-no de Criador, etc. Mas para aqueles poucos sábios que sabem que o mundo é um mero show, não há nem mundo real nem nenhum Criador real.

- Na Advaita Vedānta, Brahman é realizado exclusivamente por *jñāna*, não por *karma* nem *bhakti*. Referências

(Tait I) *brahmavid āpnoti param*—“Aquele que conhece Brahman alcança o Supremo.”

(Śvet III.8) *tam eva viditvāti mṛtium eti nānyaḥ panthā vidyate ayanāya*—“Tendo conhecido a Ele, a pessoa supera a morte e não há outro meio para alcançá-lo.”

- Brahman é a única Realidade. É absolutamente indeterminado e não-dual. Está além da fala e da mente. É indescritível porque nenhuma descrição sobre Ele pode ser completa. A melhor descrição sobre Ele é através da fórmula negativa “*neti neti*” ou “não isso, não isso”.

(Bṛhad V.9.26) *sa neti netīty ātmā*

Efeitos somente podem ser negados, pois eles são irrealis. Mas a causa, o Brahman, não pode ser negado, pois é a fundação na qual todos os efeitos são superpostos.